

Aliados acham que PSDB também joga por 2002

Para dirigentes do PMDB e do PFL, imagem que ficou da convenção não foi a de apoio a FHC, mas a Covas

CLÁUDIA CARNEIRO

BRASÍLIA – O PSDB bem que tentou cobrar apoio dos aliados ao presidente Fernando Henrique Cardoso e evitar antecipar a discussão sobre a disputa pela Presidência em 2002. Mas a imagem que a convenção do partido

provocou no PFL e no PMDB foi outra. Na opinião de dirigentes desses partidos, o lançamento, ainda que informal, do governador Mário Covas como líder máximo do PSDB e candidato às eleições presidenciais

fez com que os tucanos apenas repetissem o movimento dos aliados do governo – que precipitaram o debate da sucessão de Fernando Henrique a três anos e meio da eleição.

“Não ficou bem para os tucanos esse tipo de apelo, já que criticaram muito o PFL, que foi apenas mais preciso em sua convenção ao aprovar uma moção pela candidatura própria em 2002”, observou o vice-presidente do PFL, senador José Jorge (PE). Para os aliados, o PSDB reforçou a tese de que os par-

tidos, mesmo participando da aliança que sustenta o governo de Fernando Henrique, têm o dever de dar um sinal às suas bases de que cultivam o ideal da candidatura própria em 2002.

“O fato de termos apoiado um candidato duas vezes não quer dizer que vamos apoiá-lo pela terceira vez”, ressaltou o senador pefelista. “O PMDB cumpre seu papel de dar respaldo ao governo de Fernando Henrique, até porque o sucesso desse governo nos beneficia, pois fazemos parte da aliança que o ele-

geu”, avaliou o líder do PMDB na Câmara, Geddel Vieira Lima (BA). “Mas é inegável o desejo do PMDB de ter um candidato próprio.”

Os aliados do PFL e do PMDB também não aceitaram a cobrança

de que devem mais solidariedade ao presidente, feita num discurso enfático de Covas. Ao lado de Fernando Henrique, o tucano afirmou, energicamente, que solidariedade não se mede por “um risco no Ibope, mas é um traço de caráter”.

“Podemos dizer com tranquilidade que o PFL nunca faltou com solidariedade ao governo e, entre os quatro partidos que compõem a base aliada, somos o mais solidário”, sustentou José Jorge. Na avaliação de Geddel, a frase “foi um recado para os próprios tucanos”.

PEFELISTAS E
PEEMEDEBISTAS
RECHAÇAM
COBRANÇA



José Jorge: “Não ficou bem para os tucanos”

Tanto os líderes do PSDB, durante a convenção nacional, como os do PMDB e do PFL acreditam que a eleição municipal de 2000 será o primeiro passo para a definição de como os partidos vão comportar-se no processo sucessório de 2002. Os partidos têm estratégias comuns para fortalecer-se individualmente rumo à sucessão presi-

dencial: cada um quer preparar as eleições municipais com o objetivo de lançar candidatos próprios nas grandes capitais e fazer o maior número possível de prefeitos nos municípios de todo o País. A possibilidade de alianças locais, obviamente, não está descartada e vai depender das circunstâncias políticas de cada região.



Geddel: “O PMDB cumpre seu papel de dar respaldo”

“O que deve ser discutido agora é a necessidade de fazer ou não alianças locais, mas nosso projeto de poder nos leva a buscar lançar candidaturas próprias no maior número de cidades”, afirmou Geddel. O PSDB não ficou para trás nesse projeto. Uma das tarefas da nova direção nacional do partido, composta por cargos com funções

temáticas, é monitorar as eleições municipais nas 50 maiores cidades brasileiras.

“Como não podemos abranger todos os municípios, vamos nos concentrar nas cidades principais”, explicou o líder do PSDB na Câmara, Aécio Neves (MG). Eleito um dos cinco vice-presidentes da nova executiva do PSDB, o deputado Alberto Goldman (SP) deverá ser o encarregado da direção tucana para cuidar do processo eleitoral.

Não morreu – Enquanto isso, os partidos aliados continuam alimentando suas estratégias eleitorais de dar sobrevida às CPIs instaladas no Senado pelo PFL (do Judiciário) e pelo PMDB (do Sistema Financeiro). “Ninguém tem o poder de controlar CPI, nem para esfriá-la nem para esquentá-la”, afirmou Geddel, reagindo às impressões tucanas de que a CPI que investiga o Banco Central está para acabar.

“A CPI não morreu e ainda vai longe”, advertiu o senador Eduardo Siqueira Campos (PFL-TO). Hoje, Siqueira deverá receber do relator da comissão, João Alberto Sousa (PMDB-MA), a tarefa de vasculhar os documentos bancários dos envolvidos no caso dos Bancos Marka e FonteCindam. Na sua opinião, esta será a conclusão da primeira etapa das investigações da CPI, que, no entanto, vai continuar pelo desejo do PMDB e de seu presidente, o senador Jader Barbalho (PA).

Dida Sampaio/AE-6/12/96

Roberto Castro/AE-10/3/98